

ANSIEDADE PRÉ-COMPETITIVA EM ATLETAS DE VOLEIBOL SENTADO

PRE-COMPETITIVE ANXIETY IN SITTING VOLLEYBALL ATHLETES

Larissa Alemar Vilela Lana
Cristiane Alves Martins
André de Assis Lauria
Thiago Jeronimo Paixão
Lucas Gabriel da Silva Pereira
Carla Dantés Macedo
João Roberto Ventura de Oliveira
Ingrid Ludimila Bastos Lôbo

Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ibitiré, Ibitiré, MG, Brasil
Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba, Ituiutaba, MG, Brasil
Secretaria Municipal de Esportes e Lazer, Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo

Nas últimas décadas ocorreu o crescimento de número de atletas com deficiência participantes de esportes adaptados, promovendo melhorias no desempenho esportivo e novas exigências para o planejamento da preparação dos atletas. Dessa forma, além do desenvolvimento de aspectos físicos, técnicos e táticos é importante considerar os efeitos dos fatores psicológicos no processo da preparação esportiva, sendo essencial o gerenciamento das diferentes exigências e pressões inerentes às competições. Assim, o objetivo deste estudo foi avaliar os níveis de ansiedade-traço e ansiedade-estado em atletas praticantes de voleibol sentado. Participaram 11 atletas do sexo masculino com idade média de 37,6 anos ($\pm 8,07$ anos) e tempo médio de experiência na modalidade de 4,18 anos ($\pm 3,06$ anos). Todos os participantes responderam o protocolo de avaliação, que foi composto por três instrumentos, sendo uma ficha de identificação de dados demográficos e os questionários Escala de Ansiedade-Traço Competitiva (SCAT) e Inventário de Ansiedade-Estado Competitiva (CSAI-2). Os resultados gerais indicaram que os atletas apresentaram níveis de ansiedade-traço, ansiedade-estado cognitiva e autoconfiança classificados como médios e níveis de ansiedade-estado somática classificados como baixos. Contudo, na análise dos escores individuais, foram identificados alguns atletas com altos níveis de ansiedade-traço e ansiedade-estado cognitiva e somática. Ademais, é possível que ocorram mudanças desses parâmetros com a aproximação dos períodos de competições, sendo recomendado implementar ações relacionadas com a preparação psicológica nos treinamentos.

Palavras-chaves: Atividade motora adaptada. Ansiedade. Voleibol Sentado. Esporte Paralímpico. Avaliação Psicológica.

Abstract

Over the past few decades, there has been a rise in athletes with disabilities competing in adapted sports. This trend has led to improvements in sports performance and new requirements for athletes' preparation. In addition to physical, technical, and tactical training, it is also important to consider

the psychological factors that affect athletes during the preparation process. Managing the demands and pressures inherent in competitions is crucial. Therefore, this study aimed to evaluate the levels of trait anxiety and state anxiety in male athletes who practice sitting volleyball. Participants included 11 male athletes with an average age of 37,6 years (\pm 8,07 years) and an average experience of 4,18 years (\pm 3,06 years) in the sport. They completed an assessment protocol consisting of three instruments, including a demographic data identification form, the Competitive Trait Anxiety Scale (SCAT), and the Competitive State Anxiety Inventory (CSAI-2) questionnaires. The results showed that the athletes had medium and low levels of trait anxiety, cognitive state anxiety, and self-confidence, but individual scores revealed that some athletes had high levels of trait anxiety and cognitive and somatic state anxiety. As competition periods approach, changes in these parameters may occur, so it is recommended to implement psychological preparation in training.

Keywords: Adapted Motor Activity. Anxiety. Sitting Volleyball. Paralympic Sport. Psychological Assessment.

1 Introdução

O esporte adaptado surgiu na perspectiva da promoção da inclusão social e da melhoria da qualidade de vida de pessoas com deficiência (PcD) e foi consolidado pelo Doutor Ludwig Guttmann como parte fundamental para o processo de reabilitação de ex-combatentes com lesões físicas adquiridas durante a Segunda Guerra Mundial (Parsons; Winckler, 2012). Ao longo dos anos, o crescimento do esporte adaptado impulsionou o surgimento do Movimento Paralímpico, no qual a participação de atletas com deficiência foi legitimada (Legg, 2018). Nesse contexto, foram também certificados os efeitos benéficos da prática de atividades motoras adaptadas para PcD, promovendo bem-estar físico, social e psicológico (Blauwet; Willick, 2012) e também a experimentação das sensações de empoderamento e de excelência alcançadas por meio do desempenho esportivo (Mauerberg- Decastro; Campbell; Tavares, 2016).

No contexto atual, os Jogos Paralímpicos representam o segundo maior evento esportivo do mundo (Legg, 2018). A grande expansão do evento foi acompanhada tanto pelo aumento do número de atletas participantes, quanto pela notável evolução da organização, da profissionalização e do desempenho esportivo (Mauerberg-Decastro; Campbell; Tavares, 2016; Pinto *et al.*, 2017). Dentre as várias modalidades que integram o programa paralímpico, destaca-se o voleibol sentado. A modalidade surgiu em 1956, a partir da junção do *sitzball* (jogo sentado no chão e sem rede) com o voleibol convencional e foi incluída nas paralímpiadas em 1980 (Carvalho; Gorla; Araújo, 2013; Dantas, 2023). No Brasil, o voleibol sentado chegou em 2002, possibilitando a participação de atletas com amputações de membros inferiores, entretanto outras deficiências físicas também são elegíveis para a modalidade, tais como paralisia cerebral, lesão medular espinhal e má formação congênita de membros superiores (Dantas, 2023). É importante destacar que o voleibol sentado alcançou um grande crescimento no Brasil, ocupando no *ranking* mundial em 2023, a segunda colocação com a equipe feminina e a terceira colocação com a equipe masculina (World ParaVolley, 2023).

Dessa forma, é esperado que a melhoria exponencial dos resultados aumente a exigência na preparação dos atletas (Bodas; Lázaro; Fernandes, 2007), sendo que o rendimento esportivo apresenta diferentes tipos de situações de pressão, nas quais os atletas são frequentemente confrontados (Hanton; Thomas; Mellalieu, 2009; Noce; Samulski, 2002). Diante disso, além do desenvolvimento de aspectos físicos, técnicos e táticos é importante considerar os efeitos dos fatores psicológicos no processo da preparação esportiva (Gorla *et al.*, 2017; Rosa *et al.*, 2020), visto que a manutenção de um estado psicológico adequado durante a competição influencia no resultado esportivo (Galli; Gonzalez, 2015; White; Bennie, 2015).

Considerando as diversas variáveis psicológicas que interferem no desempenho esportivo, evidenciam-se os efeitos da ansiedade, que surgem em consequência das diferenças entre a capacidade de resposta de um atleta e as demandas do ambiente (Smith, 2008). A ansiedade esportiva é caracterizada em dois tipos, sendo ansiedade-traço e ansiedade-estado. A ansiedade-traço é um componente da personalidade do indivíduo, que representa uma disposição comportamental para perceber como ameaçadoras, circunstâncias que objetivamente podem não ser perigosas, respondendo a elas com um estado de ansiedade desproporcional. Já a ansiedade-estado é a resposta emocional temporária e variável, de sentimentos conscientes percebidos de apreensão e tensão (ansiedade-estado cognitiva) e ativação fisiológica (ansiedade-estado somática) (Fortes *et al.*, 2017; Hardy; Beattie; Woodman, 2007; Weinberg; Gould, 2017). Destaca-se, ainda, que existe uma relação entre ansiedade-traço e ansiedade-estado, na qual o atleta com maior nível de ansiedade-traço apresenta uma maior pré-disposição para perceber, subjetivamente, as situações como mais estressantes, respondendo com maiores níveis de ansiedade-estado cognitiva e somática (Smoll; Smith; Cumming, 2007; Weinberg; Gould, 2017).

Diante do exposto, ao considerar as maiores exigências de desempenho no voleibol sentado, torna-se fundamental incorporar a avaliação de parâmetros psicológicos, atrelados à preparação esportiva dos atletas. Porém, as informações produzidas a esse respeito ainda são incipientes, sendo importante a produção de conhecimentos nesta área, para avançar na compreensão das respostas psicológicas dos atletas e promover aprimoramentos no planejamento da preparação esportiva. Assim, o objetivo deste estudo foi avaliar os níveis de ansiedade-traço e ansiedade-estado em atletas praticantes de voleibol sentado.

2 Método

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Minas Gerais (CAEE: 40490620.1.1001.5525). A coleta de dados ocorreu mediante aplicação de formulário online no período de treinamento que antecedeu o início das competições. Após o esclarecimento dos possíveis riscos e benefícios associados com a

participação na pesquisa, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

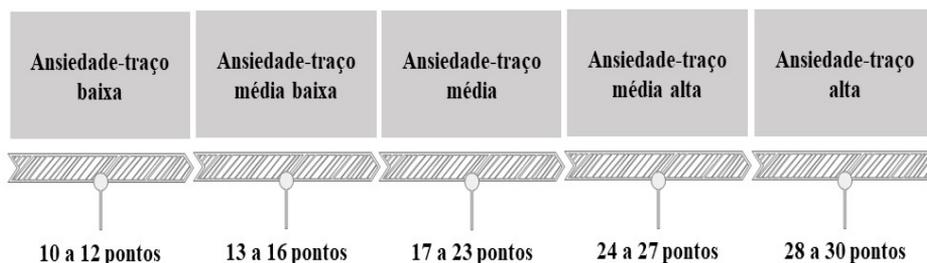
A amostra foi selecionada por conveniência e composta por 11 atletas do sexo masculino, praticantes de voleibol sentado de uma equipe participante do Campeonato Brasileiro. Todos os atletas estavam regularmente frequentes nos treinamentos. A idade média dos participantes foi 37,6 anos ($\pm 8,07$ anos) e o tempo médio de experiência na modalidade foi de 4,18 anos ($\pm 3,06$ anos).

2.1 Instrumentos

O protocolo de avaliação foi composto por três instrumentos, sendo uma ficha de identificação de dados demográficos e os questionários de ansiedade-traço e ansiedade-estado. Na ficha de identificação foram coletadas informações pessoais referentes ao nome, data de nascimento, sexo, estado civil, e tempo de experiência e frequência no treinamento.

Para a avaliação da ansiedade-traço foi utilizada a Escala de Ansiedade-Traço Competitiva (SCAT), que foi desenvolvida por Martens (1977) e traduzida e adaptada para o português por De Rose Junior (1985). A SCAT é composta por 15 itens indicadores de ansiedade-traço em competições. As respostas dos itens são organizadas em Raramente; Às vezes; e, Sempre. O escore total varia de 10 a 30 pontos, sendo que para a análise dos resultados considera-se a classificação apresentada na Figura 1.

Figura 1 - Classificação dos escores da SCAT

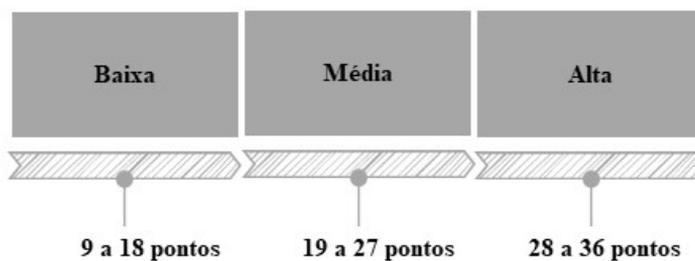


Fonte: Produção do próprio autor, baseado em Teixeira (1994).

Descrição da Figura 1: A figura está dividida em seis retângulos, postados na horizontal, em cor cinza, com a inscrição de diferentes traços de ansiedade. Logo abaixo de cada traço, há um pontuação assim descrita: ansiedade-traço baixa - 10 a 12 pontos; ansiedade-traço média baixa - 13 a 16 pontos; ansiedade-traço média - 17 a 23 pontos; ansiedade-traço média alta - 24 a 27 pontos; ansiedade-traço alta - 28 a 30 pontos.

Para a análise da ansiedade-estado foi utilizado o Inventário de Ansiedade-Estado Competitiva (CSAI-2), que foi elaborado por Martens *et al.* (1990) e traduzido e adaptado para a versão brasileira por Coelho, Vasconcelos-Raposo e Mahl (2010). O CSAI-2 é constituído por 27 questões que correspondem a três dimensões da ansiedade-estado, sendo cognitiva, somática e autoconfiança. As respostas são organizadas em uma escala do tipo *Likert* sendo: 1 (nada); 2 (um pouco); 3 (moderadamente); e, 4 (muito). O cálculo do escore é feito pela somatória dos itens correspondentes a cada dimensão, cujos valores variam entre 9 e 36 pontos, sendo que para a análise dos resultados considera-se a classificação apresentada na Figura 2.

Figura 2 - Classificação dos escores do CSAI-2



Fonte: Produção do próprio autor, baseado em Coelho, Vasconcelos-Raposo e Mahl (2010).

Descrição da Figura 2: A figura está dividida em três retângulos, postados na horizontal, em cor cinza, com a inscrição dos escores: baixa - 9 a 18 pontos; média - 19 a 27 pontos; alta - 28 a 36 pontos

É importante apontar que o modelo teórico de Martens *et al.* (1990) indica uma relação inversa entre a dimensão autoconfiança na comparação com as dimensões cognitivas e somática. Isto é, espera-se que atletas com níveis mais altos de autoconfiança apresentem valores baixos nos componentes cognitivo e somático de ansiedade-estado.

2.2 Análise dos Dados

Os dados coletados foram organizados em blocos, sendo utilizado o *software* SigmaPlot. Foi realizada análise descritiva de média (tendência central) e desvio padrão (dispersão).

3 Resultados

Na Tabela 1 estão descritos os resultados de cada participante para as medidas de ansiedade-traço e ansiedade-estado, bem como a média e o desvio-padrão do grupo. Na análise da ansiedade-traço, os resultados indicaram que a média geral foi 21,18 pontos ($\pm 5,07$), sendo este escore classificado como ansiedade-traço média. Entretanto, é

pertinente destacar que cinco atletas apresentaram valores correspondentes a ansiedade-traço média alta e apenas um atleta apresentou escore classificado como ansiedade-traço baixa.

Na análise das dimensões cognitiva, somática e autoconfiança da ansiedade-estado, os valores médios foram 21,45 pontos ($\pm 6,12$); 18,90 pontos ($\pm 6,34$) e; 27,36 ($\pm 6,26$), respectivamente. Assim, as dimensões cognitiva e autoconfiança foram classificadas como médias e a dimensão somática como baixa, apesar do valor desta ser limítrofe (próximo de 19 pontos).

Contudo, na análise dos escores individuais, verificou-se que dois atletas alcançaram valores classificados como ansiedade-estado cognitiva alta e um atleta como ansiedade-estado somática alta. Foi observado também que dois atletas apresentaram valores classificados com ansiedade-estado cognitiva baixa e sete atletas alcançaram valores classificados como ansiedade-estado somática baixa. Em contrapartida, seis atletas apresentaram valores de autoconfiança classificados como alta.

Tabela 1 - Escores de ansiedade-traço e ansiedade-estado

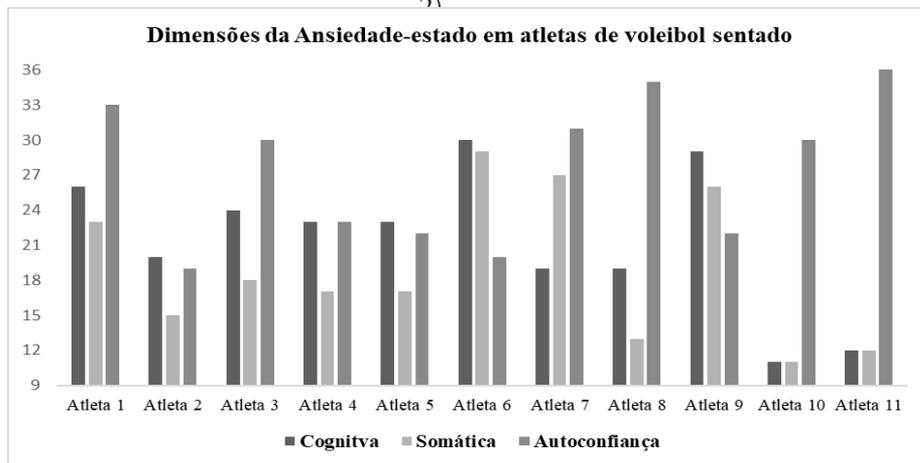
Participante	Ansiedade-traço	Dimensões da Ansiedade-estado		
		Cognitiva	Somática	Autoconfiança
Atleta 1	25	26	23	33
Atleta 2	26	20	15	19
Atleta 3	20	24	18	30
Atleta 4	21	23	17	23
Atleta 5	20	23	17	22
Atleta 6	26	30	29	20
Atleta 7	25	19	27	31
Atleta 8	19	19	13	35
Atleta 9	26	29	26	22
Atleta 10	12	11	11	30
Atleta 11	13	12	12	36
Média	21,18	21,45	18,90	27,36
Desvio Padrão	$\pm 5,07$	$\pm 6,12$	$\pm 6,34$	$\pm 6,26$

Fonte: Produção do próprio autor

Ainda em relação à ansiedade-estado, é interessante destacar que a maioria dos atletas apresentou a relação inversa entre as dimensões cognitiva e somática em comparação com os escores de autoconfiança (Gráfico 1). Esse perfil está bem definido nos atletas 10 e 11, cujos valores de autoconfiança foram classificados com altos e

os escores das dimensões cognitiva e somática foram classificados como baixos. Em contrapartida, os atletas 6 e 9 apresentaram valores médios de autoconfiança e escores altos para as dimensões cognitiva e somática.

Gráfico 1 - Escores dos atletas nas escalas de ansiedade-traço (SCAT) e ansiedade-estado (CSAI-2)



Fonte: Produção do próprio autor

4 Discussão

Este estudo avaliou os níveis de ansiedade-traço e ansiedade-estado em atletas adultos praticantes de voleibol sentado. Os resultados gerais indicaram que os atletas apresentaram níveis de ansiedade-traço, ansiedade-estado cognitiva e autoconfiança classificados como médios e níveis de ansiedade-estado somática classificados como baixos. Contudo, na análise dos escores individuais, foram identificados alguns atletas com altos níveis de ansiedade-traço e ansiedade-estado cognitiva e somática.

Em relação à ansiedade-traço, os resultados do presente estudo são similares aos encontrados por Gonçalves *et al.* (2023), cujos atletas praticantes das modalidades atletismo, bocha, futebol de cegos, futebol de 7, goaball, rugby em cadeira de rodas, tênis de mesa e voleibol sentado também apresentaram níveis classificados como médios. De forma análoga, nos estudos de Lôbo *et al.* (2009) e Castelo e Pereira (2022), que avaliaram nadadores paralímpicos de alto rendimento e atletas de rugby em cadeira de rodas, respectivamente, os níveis de ansiedade-traço também foram classificados como médios. A esse respeito, é importante elucidar que, atletas que alcançam melhores resultados nas competições apresentam menores níveis de ansiedade-traço, porém, as respostas de ansiedade em situações de competição podem ser alteradas em função da

importância do evento e por dificuldades em atender às necessidades de desempenho (Santos *et al.*, 2013).

No estudo de Maravieski, Calegari e Gorla (2007), que avaliaram ansiedade-traço pré-competitiva de atletas de basquetebol em cadeira de rodas, os resultados indicaram escores classificados como ansiedade-traço média alta e alta. Além disso, os resultados de desempenho na competição não foram satisfatórios e os autores apontam possíveis relações com os níveis de ansiedade-traço. Esses resultados podem ser explicados pelo fato de que altos níveis de ansiedade podem distorcer a percepção do atleta em relação às demandas do meio e causar reações erradas em momentos decisivos (Moraes, 1990). Contudo, nem todo nível de ansiedade é nociva, visto que é necessário um nível de ativação ideal para o bom desempenho esportivo (Andersen *et al.*, 2014) e atletas podem adquirir habilidades de controle de emoções e reduzir sentimentos negativos em situações de avaliação (Weinberg; Gould, 2017).

Entretanto, no esporte paralímpico, atletas com deficiências têm que gerenciar, os aspectos inerentes às emoções durante as competições e outros tipos de fatores estressores, tais como as barreiras ambientais, estruturais, sociais, médicas e econômicas. Esses fatores podem corroborar com o aumento dos níveis de estresse, causando respostas de ansiedade e efeitos negativos no desempenho esportivo (Campbell; Jones, 1997; Cheng; Hardy; Markland, 2009; Martin, 2010). Dessa forma, é possível que atletas com deficiências experimentem níveis mais altos de ansiedade, que estão relacionados tanto com as demandas próprias da condição da deficiência, quanto às exigências de desempenho esportivo. E nesse sentido, é fundamental a organização de uma preparação psicológica adequada (Bawden, 2006).

No presente, os resultados da análise da ansiedade-estado indicaram níveis médios para o componente cognitivo e níveis baixos para o componente somático, especialmente na avaliação individual dos atletas. É interessante destacar que a agitação corporal (componente somático), quando não controlada pode causar prejuízos aos atletas e a preocupação excessiva (componente cognitivo) pode influenciar na percepção das situações como mais ameaçadoras, acarretando problemas ao desempenho esportivo (Weinberg; Gould, 2017).

Nossos resultados foram similares aos encontrados por Moraes *et al.* (2010) que identificaram níveis mais baixos de ansiedade-estado cognitiva e somática em atletas de futebol para amputados e Castelo e Pereira (2022), nos quais atletas de rugby em cadeira de rodas apresentaram níveis médios de ansiedade-estado cognitiva e somática. De acordo com Cox, Martens e Russell (2003) níveis baixos de ansiedade e os altos níveis de autoconfiança são favoráveis ao desempenho esportivo. Dessa forma, é possível estimar que os níveis de ansiedade-estado do nosso estudo são considerados como adequados para o desempenho de atletas de voleibol sentado. Entretanto, deve-

se considerar que o estresse é necessário, até certo ponto, para a manutenção e para o aprimoramento da capacidade funcional, autoproteção e autoconsciência limite, uma vez que o estresse gera níveis de ativação em indivíduos, proporcionando adaptação a novas situações (Nunes, 2017).

É possível que o tipo de esporte praticado também tenha influenciado em nos nossos resultados. As situações de competição apresentam peculiaridades específicas relacionadas com confronto, demonstração, comparação e avaliação constante dos participantes, que podem gerar a ansiedade no contexto esportivo (Gonçalves; Belo, 2007), porém, em esportes individuais os atletas não compartilham responsabilidades, expondo-se à avaliação direta. Já em esportes coletivos, como o voleibol sentado, a presença de companheiros de equipe pode auxiliar na redução da pressão acerca dos resultados (Interdonato *et al.*, 2010), reduzindo os efeitos da ansiedade no desempenho.

A respeito a autoconfiança, o modelo teórico de Martens *et al.* (1990) indica uma relação linear e positiva com o desempenho esportivo. Patel, Omar e Terry (1990) demonstram nos resultados de uma revisão sistemática que, atletas com altos níveis de autoconfiança atingiram melhores resultados nas competições. Adicionalmente, espera-se que atletas com altos níveis de autoconfiança apresentem valores baixos nos componentes cognitivo e somático de ansiedade-estado (Martens *et al.*, 1990). Em nossos resultados, os níveis gerais de autoconfiança foram classificados como médios, mas na análise individual verificou-se que seis atletas apresentaram valores de autoconfiança classificados como altos. Assim, nossos resultados estão em consonância com os encontrados por Moraes *et al.* (2010), nos quais atletas de futebol para amputados apresentaram níveis mais baixos de ansiedade-estado cognitiva e somática e altos escores de autoconfiança e Castelo e Pereira (2022), cujos atletas de rugby em cadeira de rodas apresentaram níveis moderados de ansiedade e níveis altos de autoconfiança, sugerindo melhor desempenho e tomada de decisões.

Ademais, o tempo de experiência também é um fator de impacto nos níveis de ansiedade. No estudo de Ferreira *et al.* (2007), no qual foram avaliados atletas com deficiências praticantes das modalidades natação, atletismo e futebol, verificou-se que os atletas com experiência apenas em campeonatos nacionais apresentaram níveis mais altos de ansiedade-estado cognitiva e somática e níveis mais baixos de autoconfiança em comparação com os atletas com experiência em campeonatos internacionais. Em nosso estudo, não foi avaliado o tipo de competição, mas o tempo de experiência dos atletas foi em média de 4,18 anos ($\pm 3,06$ anos), sendo possível que tempo de prática tenha influenciado nos resultados encontrados.

É importante considerar também que a medida que a competição se aproxima, podem ocorrer alterações nos níveis de ansiedade dos atletas, mediante um aumento progressivo do componente somático (Campbell; Jones, 1997; Ferreira *et al.*, 2007).

Dessa forma, os atletas devem ser auxiliados no desenvolvimento de habilidades de gerenciamento de emoções, visando a preparação para as diferentes circunstâncias inerentes ao esporte competitivo.

5 Considerações finais

Os atletas de voleibol sentado apresentaram níveis adequados de ansiedade-traço e ansiedade-estado pré-competitiva, entretanto é possível que ocorram mudanças desses parâmetros com a aproximação dos períodos de competições. Ademais, ao longo das últimas décadas ocorreu uma evolução acentuada do acesso e da participação de atletas com deficiências em esportes adaptados. Esse crescimento fomentou melhorias no desempenho esportivo e novas exigências para o planejamento da preparação dos atletas. Neste escopo, o treinamento das habilidades psicológicas torna-se essencial como incremento para o gerenciamento das diferentes exigências e pressões inerentes às competições.

Assim, a avaliação de parâmetros psicológicos é uma área de conhecimento importante, visto que o melhor desempenho emocional dos atletas contribui para a melhoria da execução das ações técnicas e táticas. Além disso, compreender as respostas de ansiedade de atletas com deficiência é fundamental para a implantação de ações relacionadas com a preparação psicológica nos treinamentos.

Referências

- ANDERSEN, T. R. et al. Effect of football or strength training on functional ability and physical performance in untrained old men. *Scandinavian Journal of Medicine Science Sports*, v. 24, n. 1, p. 76-85, 2014.
- BAWDEN, M. Providing Sport Psychology Support for Athletes with Disabilities. In: DOSIL, J. *The sport psychologist's handbook: a guide for sport-specific performance enhancement*. John Wiley & Sons Ltd: West Sussex, 2006, p.665-683.
- BLAUWET, C.; WILLICK, S.E. The paralympic movement: using sports to promote health, disability rights, and social integration for athletes with disabilities. *PM&R*, v.4, n.11, p.851-856, 2012.
- BODAS, A. R., LÁZARO, J. P.; FERNANDES, H. M. Perfil psicológico de prestação dos atletas paralímpicos Atenas 2007. *Motricidade*, v. 3, n. 3, 33-43, 2007.
- CAMPBELL, E.; JONES, G Precompetition anxiety and self-confidence in wheelchair sport participants. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v.14, p.95-107, 1997.
- CARVALHO, C. L.; GORLA, J. I.; ARAÚJO, P. F. Voleibol sentado: do conhecimento à iniciação da prática. *Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, v.11, n.2, p. 97-126, 2013.
- CASTELO, T. B.; PEREIRA, R. Avaliação de estado e traço de ansiedade em paratletas de rugby em cadeira de rodas. *Revista Brasileira de Reabilitação e Atividade Física*, v.11, n.1, p. 11-23, jul. 2022.

- CHENG, W. N. K.; HARDY, L. MARKLAND, D. Toward a three-dimensional conceptualization of performance anxiety: Rationale and initial measurement development. *Psychology of Sport and Exercise*, v. 10, n. 2, p. 271-278, 2009.
- COELHO, E. M.; VASCONCELOS-RAPOSO, J.; MAHL, A. C. Confirmatory Factorial Analysis of the Brazilian Version of the Competitive State Anxiety Inventory-2 (CSAI-2). *The Spanish Journal of Psychology*, v.13, n.1, p. 453-460, 2010.
- COX, R. H.; MARTENS, M. P.; RUSSELL, W. D. Measuring anxiety in athletics: the revised competitive state anxiety inventory-2. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, v. 25, n. 4, p. 519-533, 2003.
- DANTAS, J. A. G. Voleibol Sentado. In: WINCKLER, C. *Pedagogia do paradesporto*. Santos, SP: Ed. do Autor, 2023.
- DE ROSE JÚNIOR, D. *Influência do grau de ansiedade-traço no aproveitamento de lances-livres*. 1985. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física, São Paulo, 1985.
- FERREIRA, J. P. L. *et al.* Precompetitive anxiety and self-confidence in athletes with disability. *Perceptual and Motor Skills*, v. 105, n. 1, p. 339-346, 2007.
- FORTES, L. S.; *et al.* Influence of competitive-anxiety on heart rate variability in swimmers. *Journal of Sports Science and Medicine*, v.16, n. 4, p. 498-504, 2017.
- GALLI, N.; GONZALEZ, S.P. Psychological resilience in sport: A review of the literature and implications for research and practice. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, v. 13, p. 243-257, 2015.
- GONÇALVES, G. A. *et al.* Perfil de ansiedade-traço em atletas praticantes de esportes adaptados em Minas Gerais. *Revista Saúde, Corpo e Movimento*, 2023.
- GONÇALVES, M. P.; BELO, R. P. Ansiedade-traço competitiva: diferenças quanto ao gênero, faixa etária, experiência em competições e modalidade esportiva em jovens atletas. *Psico-USF*, v.12, n.2, p. 301-307, 2007.
- GORLA, J. I. *et al.* Composição corporal e perfil somatotípico de atletas da seleção brasileira de futebol de 5. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 39, n. 1, p. 79-84, 2017.
- HANTON, S.; THOMAS, O.; MELLALIEU, S. D. Management of Competitive Stress in Elite Sport. In: *Sport Psychology*. Oxford, UK: Wiley-Blackwell, 2009. p. 30-42.
- HARDY, L.; BEATTIE, S.; WOODMAN, T. Anxiety-induced performance catastrophes: Investigating effort required as an asymmetry factor. *British Journal of Psychology*, v. 98, p. 15-31, 2007.
- INTERDONATO, G. C.; OLIVEIRA, A. R.; JÚNIOR, C. C. L.; GREGUOL, M. Análise da ansiedade traço competitiva em jovens atletas. *Conexões*, v.8, n. 3, p1-9, 2010.
- LEGG, D. P. Paralympic Games history and legacy of a global movement. *Physical Medicine Rehabilitation Clinics*, 2018.
- LÔBO, I. L. B. *et al.* Ansiedade-traço em nadadores paraolímpicos: um estudo comparativo. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, v. 8, n. 1, p. 71-78, 2009.
- MARAVIESKI, A. L. M; CALEGARI, D. R.; GORLA, J. I. Níveis de ansiedade-traço pré-competitiva dos atletas com deficiência do basquetebol em cadeira de rodas no campeonato parense. *EfDeportes Revista Digital*, v. 11, n. 106, 2007.

MARTENS, R. et al. Development and validation of the Competitive State Anxiety Inventory - 2 (CSAI-2). In: MARTENS, R.; VEALEY, R. S.; BURTON, D.(org.). *Competitive Anxiety in Sport*. Champaign: Human Kinetics, 1990. p. 117-213.

MARTENS, R. *Sport Competition Anxiety Test*. Champaign: Human Kinetics, 1977.

MARTIN, J. J. Athletes with physical disabilities. *Routledge Handbook of Applied Sport Psychology*, v.1, p. 432-440, 2010.

MAUERBERG-DECASTRO, E.; CAMPBELL, D. F.; TAVARES, C. P. The global reality of the Paralympic Movement: Challenges and opportunities in disability sports. *Motriz*, Rio Claro, v.22, n.3, p. 111-123, 2016.

MORAES, L. C. et al. Ansiedade pré-competitiva em atletas de futebol amputados. *Lecturas: Educación física y deportes*, v. 15, n. 144, 2010.

MORAES, L.C. Ansiedade e desempenho no esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 4, n. 2, p. 51-56, 1990.

NOCE, F.; SAMULSKI, D. M. Análise do estresse psíquico em atacantes no voleibol de alto nível. *Revista Paulista de Educação Física*, [S. l.], 2002.

NUNES, N. *Avaliação da percepção de estresse e recuperação, da ansiedade e das concentrações de cortisol em atletas da seleção brasileira de futebol de sete paralímpica*. 2017. 77 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

PARSONS, A.; WINCKLER, C. Esporte e a pessoa com deficiência: contexto histórico. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. *Esporte Paralímpico*. São Paulo: Ed. Atheneu, 2012.

PATEL, D. R., OMAR, H., TERRY, M. Sport-related performance anxiety in young female athletes. *Pediatric Adolescence Gynecology*, v. 23, n. 3, p. 325-335, 2010.

PINTO, G. M. C. et al. Desempenho olímpico e paralímpico: uma análise comparativa entre países nos jogos Rio-2016. *Conexões*, v. 15, n. 3, p. 319, 2017.

ROSA, J. P.; et al. Association between hormonal status, stress, recovery, and motivation of paralympic swimmers. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 2020.

SANTOS, A. R. M.; et al. Ansiedade pré-competitiva em jovens atletas de nado sincronizado: uma análise à luz dos aspectos emocionais. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 24, n. 2, p. 207-214, 2013.

SMITH, R.E. Advances in cognitive-social personality theory: applications to sport psychology. *Revista de Psicología del Deporte*, v. 17, p. 253-276, 2008.

SMOLL, F. L.; SMITH, R. E.; CUMMING, S. P. Effects of coach and parent training on performance anxiety in young athletes: a systemic approach. *Journal of Youth Development*, v. 2, n. 1, p. 19-36, 2007.

TEIXEIRA, C. L. *Análise da ansiedade-estado pré-competitiva em atletas adolescentes de futsal Maringá*. Maringá: UEM, 1994. 55p. Monografia (Graduação em Educação Física) Universidade Estadual de Maringá, 1994.

WEINBERG, R.; GOULD, D. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. 6. ed. São Paulo: Artmed, 2017.

WHITE, R.L.; BENNIE, A. Resilience in youth sport: A qualitative investigation of gymnastics coach and athlete perceptions. *International Journal of Sports Science & Coaching*, v. 10, p.379-393, 2015.

WORLD PARAVOLLEY. *Sitting Volleyball Rankings*. Rolling World Ranking, 16 de Janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.worldparavolley.org/sitting-volleyball-rankings/> Acesso em 31 de agosto de 2023.

Notas sobre os autores

Larissa Alemar Vilela Lana

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Unidade Ibirité

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-8210-4709>

Cristiane Alves Martins

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Unidade Ituiutaba

Grupo de Pesquisas em Psicologia do Esporte e Comportamento Motor (GEPECOM)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0378-4982>

André de Assis Lauria

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Unidade Ibirité

Grupo de Pesquisas em Psicologia do Esporte e Comportamento Motor (GEPECOM)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4296-277X>

Thiago Jeronimo Paixão

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Unidade Ibirité

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6631-5932>

Lucas Gabriel da Silva Pereira

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Unidade Ibirité

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6978-6755>

Carla Dantés Macedo

Secretaria Municipal de Esportes e Lazer de Belo Horizonte (SMEL/PBH)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9298-5323>

João Roberto Ventura de Oliveira

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Unidade Ibirité

Grupo de Pesquisas em Psicologia do Esporte e Comportamento Motor (GEPECOM)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3513-021>

Ingrid Ludimila Bastos Lôbo

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Unidade Ibirité

Grupo de Pesquisas em Psicologia do Esporte e Comportamento Motor (GEPECOM)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4159-7072>

Agradecemos ao auxílio oferecido pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais (PAPq/UEMG).

Recebido em: 05/10/2023

Reformulado em: 21/11/2023

Aceito em: 21/11/2023